

O Santuário exterior do Escoural. Sector NE (Montemor-o-Novo, Évora)

ROSA VARELA GOMES, MÁRIO VARELA GOMES y MANUEL FARINHA DOS SANTOS

0. INTRODUÇÃO

A permanência humana ligada a certos locais específicos, de habitação ou de culto, é uma constante que podemos referenciar ao longo da História. Apesar dos grandes movimentos étnicos, das mudanças políticas e religiosas, das revoluções culturais e técnicas ou das alterações sócio-económicas, os fenómenos de transformação e de aculturação daí provenientes fazem-se sentir em dois sentidos, isto é, tanto as culturas tradicionais como as que lhes são estranhas, quando postas em contacto, aproveitam aspectos mútuos, muitas das vezes reformulados de modo a alcançarem estrutura própria e a reflectirem, numa trama por vezes difícil de detectar, essa simbiose.

Fenómeno interessante, que se insere nesta problemática, é o que podemos mais directamente observar com os locais de culto, onde o «sagrado» é de tal modo reconhecível, ou referenciado, em antítese ou em destaque com o «território profano», que difícil se torna, aos novos ideólogos, apagar as suas marcas. A atitude mais cómoda e proveitosa perante esse facto leva quase sempre ao redimensionamento desses locais, utilizando de um novo modo os mitos e a força psicológica que carregam, adaptando-os às novas práticas. A cristianização de penedos, o transporte de menires e de lajes decoradas para o interior ou para as proximidades de igrejas, ou a construção destas na área de antigos povoados pré-históricos ou romanos, assim como a transformação de dólmenes em capelas, são exemplos claros de como a Igreja soube resolver o problema das práticas e dos cultos paralelos, velhos de milhares de anos e que, reintegrados em diferentes dinâmicas religiosas, assim sobreviveram até hoje. Esta atitude, própria dos grupos sócio-políticos dominantes, aproveitava tanto as

condições geográficas como ambientais e psicológicas daqueles locais, características que um novo lugar dificilmente viria a assumir, como se mostra herdeira do poder e do património cultural junto à clientela do passado.

Em 1963, um de nós (M. F. S.) identificou no outeiro onde se encontra a gruta do Escoural, tanto em cortes do terreno como à superfície, espólio representativo de um povoado com testemunhos do Calcolítico, designadamente lâminas, pontas de seta a restos de fabrico de sílex e de jaspe, fragmentos de pratos de bordo espessado, crescentes de cerâmica, etc..., além de pedaços de barro com caneluras, evidentes vestígios de revestimentos de cabanas, bem como estruturas de combustão. Também em afloramentos da parte superior dessa colina, postos a descoberto pelo desmonte da pedreira, foram identificadas, nessa mesma altura, duas rochas com covinhas e uma outra com figuras gravadas que pareciam em forma de «ferraduras». Por não desejar dispersar-se ante a ciclópica tarefa de escavar cerca de duas dezenas de galerias, uma vasta sala da necrópole neolítica da mesma cavidade subterrânea e de identificar e estudar grande parte das pinturas e algumas gravuras ali existentes, resolveu M. F. S. adiar, para ocasião oportuna, a desmontagem e estudo dos testemunhos arqueológicos situados na área exterior dessa colina, tarefa que os signatários principiariam em 1981.

Quando iniciámos o estudo sistemático da arte quaternária da gruta do Escoural combinámos também, desde logo, fazer o levantamento das rochas com covinhas encontradas no exterior, que apesar de não serem de grande interesse arqueológico, pela grande ocorrência daqueles motivos em diferentes épocas e latitudes, ofereciam no entanto um aspecto curioso e completavam, com mais uma

referência, a permanência do homem pré-histórico naquele local.

A gruta do Escoural maravilhava-nos dia a dia com constantes descobertas de arte parietal, o seu interior transformava-se agora num santuário iconograficamente muito rico de que começávamos a definir a estrutura, dando maior coesão a certas suposições que o andamento dos trabalhos ia propondo. Uma dessas hipóteses apontava o quadro da sucessão da frequência humana no interior da gruta durante o Paleolítico e o Neolítico; pertencendo àquele primeiro período as pinturas e gravuras parietais e ao segundo os enterramentos e deposições, para além dos espólios correspondentes. Este modelo tinha em conta também, por extensão, o espaço exterior onde, durante o Calcolítico, o cimo da elevação serviu a um assentamento humano fortificado, característico daquela época, e que devemos relacionar com a enorme *tholos*, situada na encosta de um cerro vizinho, apenas a cerca de 200 m. ESE (Santos, 1964; Santos e Ferreira, 1969; Santos, Gomes e Monteiro, 1980).

Outro problema, que se desenvolvia paralelamente, era o da compreensão da gruta em termos de espaço nos períodos em que foi frequentada.

Categorias como espaço sagrado e profano, espaço decorado e anicónico, entrada(s), acessos e circuitos, espaço interior e exterior, com os eventuais atributos, nexos e sobreposições definiam e ajudavam a entender o conjunto como um todo coeso.

As nossas investigações tiveram de se estender ao exterior, ao relevo onde a gruta se encontra escavada, e que se mostra bem demarcado na paisagem, embora muito danificado pelas profundas feridas abertas, tanto a Norte como a nascente, pela exploração de uma enorme pedreira de belos mármore de tons esverdeados, conhecidos como «mármore verdes do Escoural». Aproveitando os intervalos para almoço, em que abandonávamos a gruta, procurámos recolher informações sobre o terreno, estudando os cortes abertos pela pedreira, as formações geológicas e os materiais arqueológicos recolhidos tanto à superfície como nos taludes. Numa tarde do mês de Agosto de 1979 um de nós (M. V. G.) reparou que, aflorando num corte, duas lajes mostravam-se decoradas com figuras gravadas, na sua grande maioria bucrânios, conservadas graças a uma fina camada de terra que, até aí, as tinha escondido e protegido da erosão. Perante esta sensa-

cional descoberta procurámos e reconhecemos outras rochas decoradas, tanto no topo como a meia encosta do outeiro.

Tínhamos assim identificado, no Escoural, um grande santuário exterior com arte esquemática.

1. O SÍTIO

A elevação onde se situa a chamada Gruta do Escoural, o povoado calcolítico e o conjunto de rochas decoradas que constituem o «santuário exterior», de que algumas são objecto desta notícia, encontra-se junto ao lado Sul da E.N. 370 (Escoural-Évora), próxima do Km. 100,4, em terrenos da Herdade da Sala, a cerca de 2 Km. da sua sede de freguesia (Santiago do Escoural). Pertence ao concelho de Montemor-o-Novo e ao distrito de Évora; mostra uma altitude máxima de 371 m., acima do nível médio das águas do mar, e as coordenadas geográficas de um ponto central da estação são aproximadamente: 8° 8' 15'' de Longitude W de Greenwich e 38° 32' 60'' de Latitude Norte, segundo a Carta Corográfica de Portugal, folha 39 B (Santiago do Escoural), à esc. 1/50.000 (Instituto Geográfico e Cadastral, 1978).

As rochas que trataremos neste estudo, que constituem apenas o sector NE e a rocha central de um santuário ao que parece de dimensões mais amplas, afloram no lado nascente de um corte voltado a Norte que se estende sobre toda uma zona de desmonte da pedreira, logo mesmo acima da entrada actual da gruta. Muitas outras rochas decoradas deverão estar cobertas por estratos e derrubes do povoado calcolítico, nomeadamente nas vertentes voltadas a nascente e a Sul onde, na base do cerro, também se identificaram algumas lajes com motivos gravados, sobretudo covinhas, prevendo-se, pois, uma maior extensão deste santuário.

Como se depreende da análise da formação dos estratos que cobrem actualmente parte das rochas decoradas, estas encontravam-se primitivamente ao nível do solo, cobrindo toda, ou quase toda, a parte superior do outeiro, em cuja base, do lado Sul, existe uma fonte e corre uma pequena ribeira.

Apesar de constituírem um número restrito de exemplares as rochas agora estudadas mostram, sobretudo aquelas que se situam mais próximas do cimo do cerro, uma grande densidade de motivos onde se destacam, pela sua raridade em termos pe-

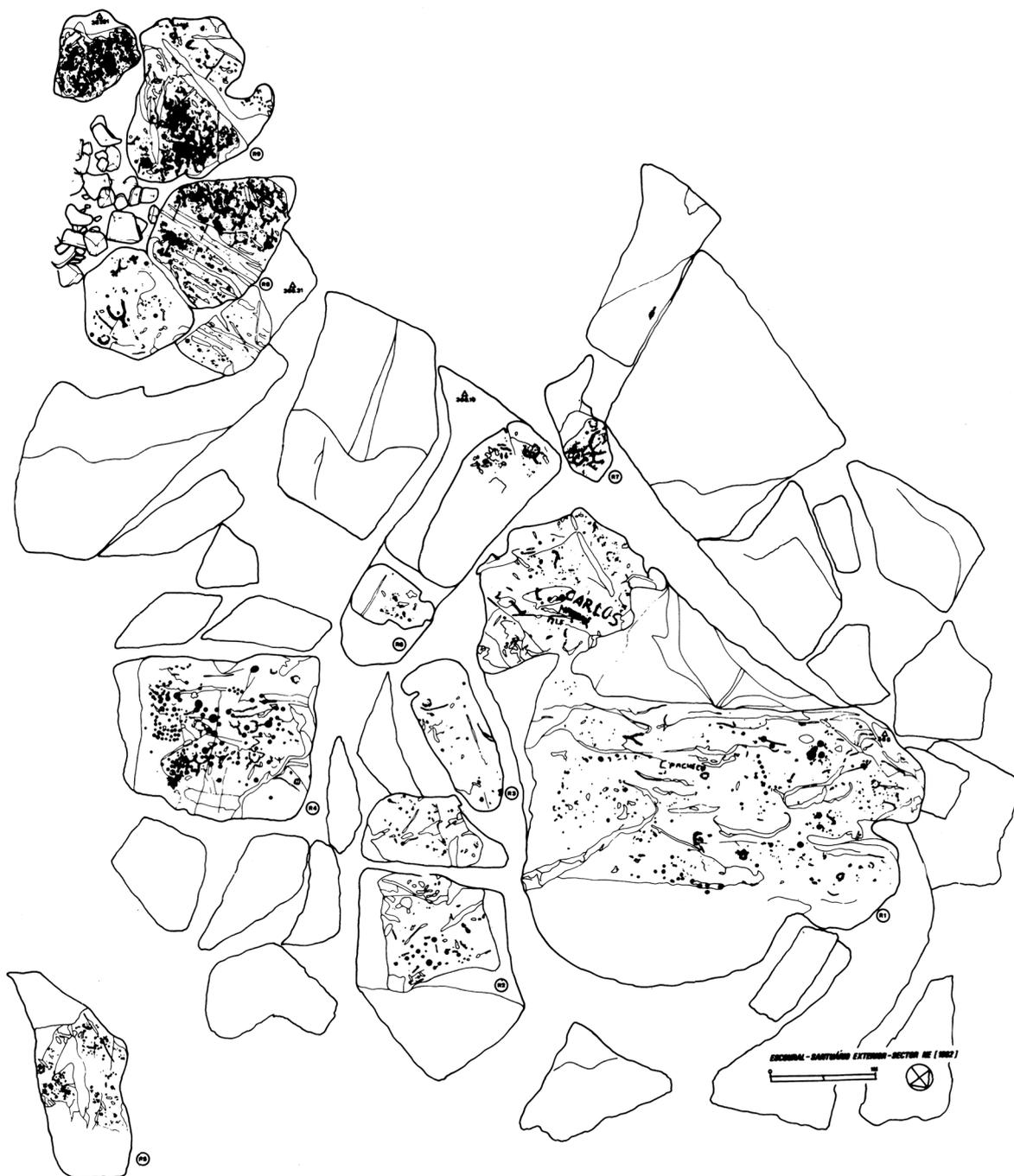


FIG. 1. Planta do sector Nordeste do santuário exterior do Escoural

ninsulares, vários tipos de bucrânios ou corniformes, estilizações de bóvidos ou dos seus prótomos, assim como uma figura que identificámos como sendo a possível representação de um carro.

Do cimo desta elevação abrange-se extensa panorâmica, sobretudo a Sul, descortinando-se, entre linhas de cumeadas que descem em degraus, a planície onde corre a ribeira das Alcáçovas, e observando-se, a Norte, os contrafortes da Serra de Monfurado.

Note-se ainda relativamente ao local que estudamos, que a palavra «sala» que, deu o nome à herdade onde se encontra este conjunto de monumentos, pode estar relacionada com o grande espaço que constitui o santuário paleolítico e é, por assim dizer, o centro da gruta, talvez visitado por alguém em tempos. Curiosamente, uma gruta na Ponta da Piedade, na costa de Lagos, é também conhecida pelo topónimo Sala; designação tradicional dada às grandes áreas naturais fechadas.

Zona mineira antiga, o Escoural deve o seu nome às escórias das muitas minas de ferro abertas nas suas redondezas; uma delas ainda patente num dos cerros do lado Sul daquele em que se encontra esta estação arqueológica.

2. SUPORTE E ESTRUTURA

As gravuras do «santuário exterior» do Escoural aproveitam como suporte as superfícies superiores dos grandes blocos que afloram o terreno e constituem espessa bancada de mármore pertencente ao complexo cristalofílico. Essas lajes encontram-se geralmente inclinadas entre 20 e 60 graus e estão polidas pela erosão dos agentes meteóricos naturais. Os painéis apresentam como limites as próprias formas das superfícies rochosas devido à acção desgastante do *karst*.

As rochas decoradas que se encontram há mais tempo expostas mostram uma alteração avançada, com aspecto de escamação que consecutivamente vai desagregando sucessivas camadas cristalinas, perdendo-se muitas das figuras gravadas, sobretudo aquelas menos profundas, restando apenas visíveis as figuras mais marcadas, como acontece com as covinhas. Assim, nas rochas 1 e 2 há muito descobertas, apesar da preparação bicromática, conseguimos reconhecer poucas figuras, para além das covinhas; estando estas também já quase totalmente apagadas.

À acção humana deve-se a aceleração da erosão natural, motivada pela passagem contínua de pessoas sobre as superfícies decoradas, e sobretudo a realização recente de alguns grafitos sobre a rocha 1.

Podemos verificar que as rochas decoradas com maior número de motivos, e de maior riqueza iconográfica, se encontram na parte superior do outeiro em cujo topo, ocupando uma posição central, existe uma grande rocha elevada 1 m. em relação ao nível actual do solo. Esta, apesar de mostrar as superfícies muito erodidas, revelou um interessante conjunto de gravuras onde, centralmente, se reconhece a representação de uma pégada humana; importante figura sobre cujo significado nos debruçaremos mais adiante.

Aproximadamente abaixo da cota dos 366 m. encontrámos, no sector agora estudado, figurações muito esporádicas, apresentando-se-nos, sobretudo, conjuntos de covinhas; também visíveis em muitas rochas que afloram a meia encosta e em redor do cerro. Esta distribuição, tipológica e quantitativa das gravuras, deverá ligar-se a distintos graus de importância decorrente do significado das diferentes zonas conceptuais constituintes do santuário e que podemos, de certo modo, registar perante os dados neste momento disponíveis. Assim, define-se uma zona de meia encosta, abaixo da cota dos 366 m., onde apenas encontrámos covinhas e uma ou outra figura isolada, testemunhada em quase toda a área envolvente da elevação, acentuando-se no entanto a concentração daqueles motivos nas rochas de cota mais elevada.

Imediatamente sobre a zona anterior encontram-se as rochas profusamente decoradas, onde registámos muitas sobreposições de gravuras embora pertencentes a um mesmo período cronológico-cultural, e que estavam cobertas pelos derrubes das estruturas calcólicas.

Finalmente, no topo do cerro, bem destacada, encontra-se a grande rocha central, já referida, que terá estado sempre visível, constituindo por si só uma unidade independente e que mostra gravuras cuja temática nos indica, pelo menos, dois períodos distintos de execução.

Cumpre-nos, ainda, sublinhar a escassez de rochas decoradas a Sul do Tejo e a raridade dos petróglifos realizados sobre suportes calcários; talvez por serem mais frágeis que o granito ou o xisto e não conservarem, por isso, do mesmo modo os motivos gravados quando expostos ao ar livre.

Depois de descobrirmos o santuário exterior do Escoural identificámos (M. V. G. e R. V. G.) perto de Vila do Bispo, no Algarve, um penedo decorado, também de calcário brando com a superfície muito erodida e, junto a Silves, alguns petróglifos que aproveitam como suporte grandes lajes de grés vermelho comum naquela região.

3. AS TÉCNICAS E A TEMÁTICA

Pela análise dos negativos que formam as gravuras podemos determinar que, na sua execução por picotagem ou martelagem, se utilizaram artefactos líticos; possivelmente seixos afeiçoados em rochas duras como o quartzo ou o quartzito.

Pela certeza na construção de certas figuras, com negativos pequenos e contínuos, supomos que se teria utilizado a técnica da picotagem indirecta, isto é, usando-se como incisor um seixo com ponta fina afeiçoada, que actuaria directamente sobre a superfície da rocha, impulsionado por um percutor, tal como hoje se esculpe ou grava com cinzel e maço.

Os levantamentos mostram negativos não só com distintas profundidades como com diferentes larguras, formando traços e manchas de densidades variáveis. A forma redonda ou oval, e as dimensões dos negativos num mesmo suporte, deve-se à utilização de artefactos mais ou menos pesados, à diferente intensidade das pancadas, à característica pétrea do artefacto incisor, à forma do talhe da sua ponta, ao modo da sua utilização (ângulo e forma de percursão) e às características do próprio suporte (maior ou menor dureza, fracturas e fissuras).

Como veremos, na descrição de cada rocha, apenas algumas figuras, sobretudo as de época moderna, foram gravadas utilizando-se artefactos metálicos e, mostrando, por isso, negativos oblongos, do tipo «bago de arroz», característicos do corte do calcário por instrumentos com ponta de ferro. As variações técnicas servirão, não só, para caracterizar as diferentes fases de execução das gravuras como para definir a estratigrafia, vertical e horizontal, que por ventura exista.

Resta-nos acrescentar que algumas figuras, sobretudo as covinhas, depois de gravadas por picotagem foram regularizadas por abrasão, eliminando-se as arestas dos negativos. Em alguns dos casos, em que a regularização é mais perfeita, apresen-

tam um tratamento que poliu e aprofundou completamente as suas formas tendo-se, possivelmente, utilizado meios mecânicos, empregando-se um sistema do tipo arco de pua.

4. AS FORMAS

Podemos dividir o reportório iconográfico deste conjunto de rochas decoradas em dois grandes grupos.

O primeiro é formado pelas covinhas que, como vimos anteriormente, apresentam distribuição e características distintas, onde se destaca a técnica de execução. Mostram diferentes diâmetros e profundidades, encontrando-se solitárias, dispersas caoticamente, claramente associadas em linhas ou em grupos, constituindo séries ou figuras geométricas. Alguns grupos inserem-se em espaços delimitados pelos acidentes naturais dos suportes, como as fissuras, ou aproveitam as suas depressões.

O segundo grupo engloba as restantes figuras gravadas, onde se destacam os bucrânios ou corniformes, a possível representação de um carro, sendo ainda composto por círculos, semicírculos, manchas circulares, linhas simples e angulosas, conjuntos de picotados, umas vezes dispersos outras aglomerados (ideogramas).

Como referimos, anteriormente, encontra-se gravado o contorno de uma pégada humana no centro da rocha superior do outeiro, que a estratigrafia mostrou ser de época mais recente.

As possíveis relações entre as variantes formais, as suas associações e a estratigrafia detectada na execução das gravuras, serão tidas em conta na descrição que a seguir faremos de cada rocha.

Rocha 1. Constitui a maior superfície do sector NE do santuário, encontrando-se destacada, logo sobre a entrada actual da gruta. Foi muito afectada pelos desmontes da pedreira apresentando fendas profundas, provocadas pela passagem de maquinaria pesada, assim como um grau de erosão muito avançado devido ao facto de se encontrar exposta, pelo menos desde 1963, à acção dos agentes meteóricos naturais. Apresenta forma sub-trapezoidal, medindo 5,10 m. de comprimento por 3,50 m. na maior largura. Mostra na parte superior, a mais decorada, uma inclinação com cerca de 20° que se acentua até cerca de 45° na metade inferior.

O seu ponto mais alto tem uma cota de 365 m. e o reportório iconográfico é constituído por: um bucrânio e um círculo, perto do centro, quatro outros círculos no sector norte, assim como por cerca de centena e meia de covinhas, cinco delas em linha recta, algumas em grupos de três, formando triângulos, encontrando-se muitas outras dispersas.



A zona central desta rocha encontra-se mais decorada, mostrando grandes conjuntos de covinhas e onde se destaca um grupo organizado em três linhas paralelas, cada uma composta por sete covinhas. Um outro conjunto, onde podemos identificar alinhamentos de covinhas, situado um pouco abaixo do anterior, numa pequena cõncavidade,



EST. I. A) O sector NE do santuário exterior do Escoural (RVI/79-5). B) A rocha 4 (RV/79-16)

Várias manchas de pontos aparecem dispersas caoticamente.

Em época recente foram gravados alguns grafitos leteriformes e três antropónimos muito visíveis.

Rocha 2. Encontra-se a Este da rocha 1, embora a cota inferior. Está dividida em dois sectores, por uma profunda fractura, apresentando-se muito erodida. Apresenta forma sub-trapezoidal, totalizando 2,70 m. de comprimento por 1,50 m. de largura máxima. Mostra conjuntos de pontos dispersos e covinhas, destacando-se um grupo de doze, que constituem duas linhas dispostas na perpendicular e estranhamente orientadas no sentido dos pontos cardiais.

Rocha 3. Situa-se logo acima da rocha 2 confinando a Oeste com a rocha 1. Mostra forma sub-retangular alongada medindo 1,60 m. de comprimento por 0,60 m. de largura máxima. Na parte superior encontra-se um círculo, muito erodido, contendo ainda onze covinhas, aparentemente dissociadas.

Rocha 4. Localiza-se a Este das rochas anteriormente descritas, apresentando cota idêntica à das rochas 1 e 3. Mostra forma trapezoidal, medindo 2 m. de comprimento máximo e 1,60 m. de largura.



EST. II. A zona oeste da rocha 9; repare-se, na parte inferior, no carro associado a um bucrânio (RXVIII/81-16)

sobrepoê as figuras de dois bucrânios. Duas linhas, com três covinhas cada, situam-se perto do bordo superior da rocha, sensivelmente a meio, e atravessando-a encontra-se um grupo de oito covinhas alinhadas em arco de círculo.

No seu conjunto as covinhas desta rocha totalizam 169 exemplares; apenas nove mostram diâmetros iguais ou superiores a 0,05 m., encontrando-se cinco destas na sua parte central. Vinte e três covinhas têm um diâmetro igual ou menor a 0,015 m. Sete bucrânios, todos com armações semicirculares e muitíssimo apagados, encontram-se gravados perto da área central do rochedo; dois deles, dispostos a par, devem estar associados.

Um dos outros bucrânios parece estar relacionado com uma linha em zig-zague, tal como veremos na rocha 8.

Perto dos bordos da rocha encontram-se gravados três círculos e um semicírculo; tendo-se ainda identificado três manchas constituídas por pontos dispersos. As covinhas, quando se encontram em relação estratigráfica, são sempre posteriores às restantes figuras, destruindo mesmo algumas delas.

Uma gravura em forma de forquilha ou tridentada, aberta com um artefacto metálico e sem pátina, é a única figura moderna deste conjunto.

Rocha 5. É a rocha decorada conhecida situada mais a Este e, também, a de cota mais baixa deste sector do santuário.

Com forma sub-trapezoidal, mede 2,00 m. de comprimento por 1,00 m. de largura máxima. Mostra uma iconografia muito pobre, constituída por dois círculos, grupos de covinhas, algumas alinhadas, e cinco manchas de picotado disperso.

Rocha 6. Situa-se a Sul, um pouco acima das rochas 1 e 3, e tem 366,19 m. de cota máxima.

Apresenta forma sub-rectangular, dividida em dois sectores, totalizando 2,80 m. de comprimento por 0,80 m. de largura média.

Na parte superior, melhor preservada, identificou-se um bucrânio, com armação semicircular, e um círculo. Na zona inferior encontrou-se apenas um círculo, algumas covinhas e duas manchas de picotado disperso.

Rocha 7. É um bloco, também afectado pelo desmonte da pedra, que se encontra logo acima das rochas 1 e 6. A superfície decorada mede 0,60 m. por 0,45 m. e mostra uma inclinação com cerca

de 45°. Os negativos das gravações, muito erodidos, permitem definir nove figuras: dois círculos, uma covinha, um conjunto de pontos, uma pequena linha e quatro bucrânios, um com armação rectilínea e três com armações semicirculares, uma delas muito aberta mais parecendo o segmento de um grande círculo posteriormente transformado em bucrânio. Os círculos aparecem-nos com linhas de picotado pouco denso e ligeiro ao contrário dos bucrânios que estão gravados profundamente.

Rocha 8. Fica situada a meia encosta, próxima das duas rochas anteriores, mas a uma cota um pouco mais elevada (366,31 m.). Encontrava-se parcialmente coberta por estratos arqueológicos, sobretudo derrubos de estruturas, caídos da parte superior do cerro.

Com forma sub-trapezoidal e medindo, aproximadamente, 2,50 m. por 1,70 m. mostra uma inclinação com cerca de 30° e a superfície dividida, por degraus naturais da rocha, em três zonas distintas. A zona inferior apresenta cerca de uma dúzia de covinhas, algumas delas alinhadas, observando-se, centralmente, na zona do lado Este, um bucrânio com armação semicircular, covinha central e corpo com base triangular; um pouco mais acima um outro bucrânio, também com armação semicircular, mas com base recta está associado a duas covinhas e encontra-se próximo de um grupo de cinco covinhas dispostas em cruz. Nesta zona da rocha vêem-se, ainda, outras cinco covinhas e um círculo.

Na zona superior, decorada pelo menos em dois momentos distintos, podemos observar treze bucrânios, de vários tipos, um deles, o de maiores dimensões, está claramente associado a uma linha serpentina. Esta composição é bem visível na parte superior desta zona da rocha e encontra-se como que rodeada pelos restantes bucrânios, embora possa ser um pouco posterior, sobretudo, a alguns deles, de pequenas dimensões e com gravação pouco profunda.

Quatro bucrânios, com armações rectilíneas, mostram uma técnica de gravação com negativos mais largos e mais profundos que aquela com que foram executados os bucrânios de armação semicircular. Também alguns dos bucrânios, de armação rectilínea, estão dispostos no sentido inverso dos restantes e a que se sobrepoem em pelo menos dois casos. Cerca de mais de meia centena de covinhas distribuem-se por toda a área desta zona da rocha, algumas sobrepondo as figuras anteriores, destacando-se oito delas,



FIG. 2. Rochas 8 e 9 do sant. ext. do Escoural

alinhadas em duas séries paralelas de quatro elementos cada.

Rocha 9. Situa-se logo acima da rocha 8; mostra forma sub-trapezoidal, muito irregular, com 2,2 m. de comprimento por 1,6 m. de largura máxima e uma inclinação com cerca de 60°, encontrando-se dividida, por uma profunda fractura, em duas zonas distintas. A cota da parte superior da rocha mede 367,01 m.

A primeira zona desta rocha, a Este e de dimensões mais reduzidas, estava coberta por derrubes de estruturas calcolíticas, mostrando-se muito deteriorada, apresentando estalamentos, fracturas várias e uma área de desmonte artificial. Foi, ao que parece, em parte aproveitada como material de construção pelas populações que se instalaram durante o Calcolítico médio neste local. Mostra covinhas, algumas dispostas em arco de círculo, duas manchas de pontos, um semicírculo e nove bucrânios, dos quais três, na parte superior da rocha, se encontram sobrepostos: o primeiro apresenta a armação com forma semicircular sendo sobreposto por um outro com armação rectilínea, reaberto sobre o corpo e o lado direito da armação daquele. Um outro bucrânio deste conjunto, também com a armação rectilínea, sobrepõe-se ao corpo dos bucrâ-



FIG. 3. Rocha central do sant. ext. do Escoural

nios anteriormente descritos. A estratigrafia observada, neste conjunto, confirma a que tínhamos detectado na rocha anteriormente referida onde os bucrânios com armações rectilíneas sobrepõem os de armações semicirculares. Na parte inferior da rocha observa-se, ainda, um bucrânio com armação semicircular e corpo com base triangular, associado a duas covinhas.

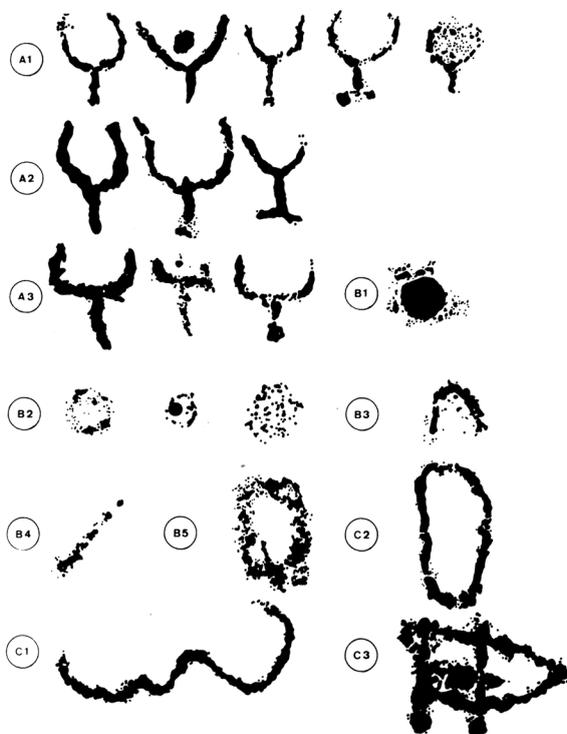


FIG. 4. Catálogo de formas das gravuras do sector NE e da rocha central do sant. ext. do Escoural

A zona oeste desta rocha mostra-se profusamente decorada, sobretudo, na sua metade inferior onde, centralmente, identificámos um possível carro com caixa quadrada, estruturada por uma travessa longitudinal, quatro rodas maciças e sistema de atrelagem triangular. Frente ao carro encontra-se um bucrânio que lhe estará possivelmente associado. Um pouco acima, dois bucrânios a par, embora de diferentes dimensões, parecem-nos unidos por um segmento de recta. Um grande bucrânio, profundamente gravado, com armação rectilínea encima esta zona da rocha onde ainda registámos algumas covinhas, um semicírculo e um círculo, assim como manchas de picotado disperso.

Rocha Central. Situa-se no cimo do outeiro, a uma cota de 371 m.; mostra forma trapezoidal, medindo 2,10 m. de comprimento por 2,10 m. de largura máxima. Actualmente a superfície decorada, com 30° de inclinação, eleva-se cerca de 1 m. acima do nível do solo, constituindo um verdadeiro

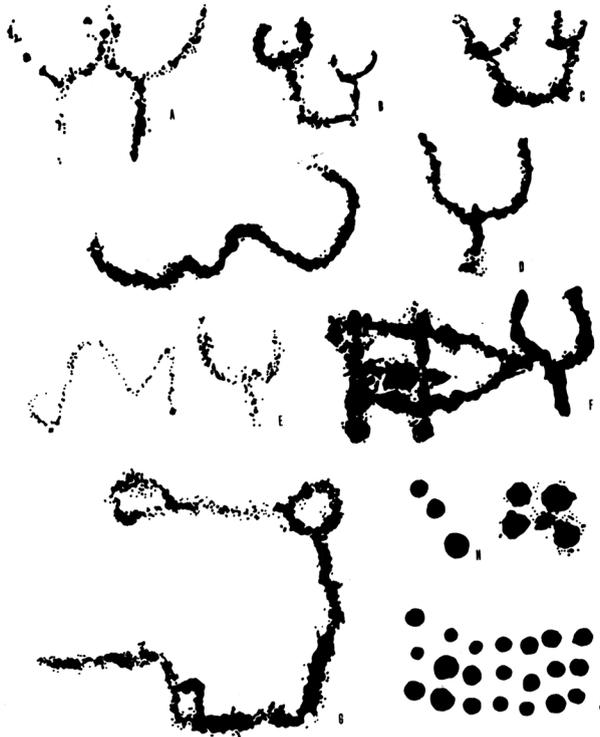


FIG. 5. Principais associações encontradas no sector NE e na rocha central do sant. ext. do Escoural

ponto de referência, visível a grande distância e dominando extensa área envolvente. Tanto na face norte, como na oposta, mostra profundos sulcos; restos que patenteiam o corte de alguns blocos, em época recuada, no nosso entender utilizados como material de construção nas estruturas calcólicas por nós detectadas na parte superior do cerro. Algumas linhas de fracturas e fissuras, aproximadamente paralelas, atravessam a superfície superior da rocha no sentido Este-Oeste, acompanhando a sua inclinação. A área decorada encontra-se erosionada, pela acção dos agentes meteóricos naturais, estando muito desgastados os negativos que constituem as figuras, apenas identificáveis com preparação bicromática. A iconografia diferencia-se da registada nas rochas anteriores, sobretudo das mais próximas,

aquelas que apresentam mais motivos, as rochas 8 e 9; constituindo esta rocha, por este facto e pelas características da sua forma e implantação, uma entidade própria dentro da estrutura do santuário. Identificámos apenas um bucrânio, meia dúzia de círculos, quarenta covinhas, três figuras rectangulares, uma delas estruturada com um círculo, oito manchas de picotado, umas vezes aglomerado outras disperso, e uma pégada humana. A pégada, talvez a figura mais interessante desta rocha pelas interpretações que permite, representa o contorno de um pé direito calçado com 0,25 m. de comprimento, portanto perto das dimensões reais; ocupa a zona central,

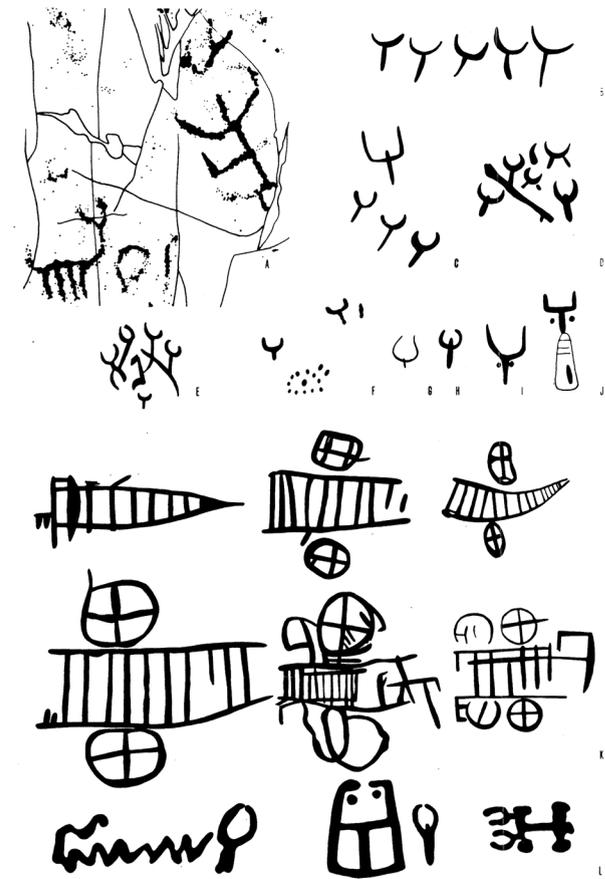


FIG. 6. A) Rocha 11 de Fratel (Vale do Tejo); B)-D)-G) e J) Cerro Estanislado, Cabeza de Buey (Guadiana); E) e H) Peñon Amarillo, Cabeza de Buey (Guadiana); F) Chinchilla I, Jimena de la Frontera (Algeciras); I) San Servan, Calamonte (Guadiana); K) Los Buitres de Peñalsordo (Guadiana); L) Gruta Magoura (Bulgaria). (B-E, G-K, seg. Breuil, 1933, figs. 20 e 25, ests XVIII, XIX, XXII, XXIII e XXXVII; F seg. Breuil e Burkitt, 1929, fig. 9, est. XXXII; L seg. Anati, 1979, pp. 61 e 70)

da rocha, sobrepondo-se a algumas figuras e está orientada, segundo o seu maior eixo, na direcção nascente-poente, não integrando ao que parece qualquer composição com gravuras da mesma época, antes bem pelo contrário, sobrepondo-se às gravuras anteriores e mostrando-se profundamente gravada, sendo por isso bem reconhecível. Esta figura isolada pertence a um segundo período da decoração das rochas, representado, até ao momento, neste santuário somente por ela.

As principais formas identificadas nas rochas anteriormente descritas, incluindo algumas variantes e associando, por vezes, figuras muito simples como pequenas covinhas, são as seguintes:

A1. Bucrânios com armação semicircular e corpo rectilíneo, aos quais estão por vezes associadas uma a duas covinhas, na extremidade do corpo, ou uma covinha ou grupo de pontos no centro da armação.

A2. Bucrânios com armação semicircular, por vezes com as pontas extrovertidas, de aspecto liriforme, com corpo rectilíneo, triangular ou em forma de T invertido.

A3. Bucrânios com armação e corpo rectilíneo, também por vezes associados a covinhas.

B1. Covinhas, por vezes alinhadas ou associadas em séries múltiplas.

B2. Círculo, por vezes com covinha central.

B3. Semicírculo ou «ferradura».

B4. Linha simples.

B5. Rectângulo.

C1. Serpentina ou ziguezague.

C2. Pégada humana.

C3. Carro.

A frequência da representação destas formas, em cada uma das rochas agora estudadas, pode ser rapidamente consultada no quadro seguinte onde, por não dispormos ainda de sobreposições em número suficiente, a divisão do Período. ID, constituída sobretudo por covinhas e figuras que as associam, deve ser apenas encarada como mera hipótese de trabalho.

Convém sobretudo retermos que aos bucrânios de corpo semicircular se sobrepõem claramente, nas rochas número 8 e 9, bucrânios de corpo rectilíneo e que as covinhas se sobrepõem e se associam a ambos. Pensamos, no entanto, que esta estratigrafia não apresenta valor cultural, tratando-se antes, e sobretudo em relação à diferença tipológica dos bucrânios, de momentos distintos de execução ou de diferentes gravadores que optaram por outras formas dentro de um mesmo símbolo, não lhe alterando portanto o significado.

		R1	R2	R3	R4	R5	R6	R7	R8	R9	RC	T	%
P.IA	Bucrânios c/arm. semicircular	1	—	—	6	—	1	3	7	10	1	29	4%
P.IB	Bucrân. c/arm. lirif. e corpo triangular	—	—	—	—	—	—	—	3	2	—	5	
	Círculos	2	—	1	3	2	2	2	1	2	8	23	
	Semicírculos	—	—	—	1	—	—	—	—	2	2	5	
	Linhas simples	—	—	—	—	1	—	1	3	8	4	17	
	Serpentiformes	—	—	—	1	—	—	—	1	—	1	3	
	Rectângulos	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3	3	
	Carro	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	1	
	Total	2	—	1	5	3	2	3	8	15	18	57	7%
P.IC	Bucrânios c/arm. rectilínea	—	—	—	1	—	—	1	5	8	—	15	2%
P.ID	Covinhas ≤ 0,015 m.	52	15	4	23	20	6	1	60	18	29	228	
	Covinhas >0,015 m. <0,5 m.	80	33	7	137	32	10	1	47	15	19	381	
	Covinhas ≥ 0,05 m.	11	—	—	9	—	—	—	8	4	11	43	
	Manchas indefinidas	6	1	—	3	5	2	—	12	4	8	41	
	Total	149	49	11	172	57	18	2	127	41	67	693	85%
P.II	Pégada	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	1	0%
P.III	Grafitos Modernos	13	—	—	1	—	—	—	—	—	—	14	2%
	Total Geral	165	49	12	185	60	21	9	147	74	87	809	100%
	%	20%	6%	2%	23%	7%	3%	1%	18%	9%	11%	100%	

5. INTEGRAÇÃO ARTÍSTICO-CULTURAL

Neste capítulo propomo-nos abordar, em síntese, um conjunto de elementos comparativos, detectados em contextos conhecidos da arte rupestre e da cultura material tanto peninsulares como europeus, que de algum modo nos possam fornecer informações capazes de ajudarem a compreender as gravuras do Escoural.

É evidente que para abordarmos tão vasta problemática teremos, desde já, de ter em conta os sistemas lógico-formais que integram as simetrias culturais e sócio-económicas dos diferentes estados ou diacronias em que as sociedades onde encontraremos os paralelos se inserem pois, embora raros na Península Ibérica, tanto os bucrânios como os carros estão bem representados em alguns complexos rupestres europeus, cada um deles com uma dinâmica interna própria, sendo os primeiros sobretudo frequentes no Monte Bego, nos Alpes Marítimos Franceses.

5.1. Bem mais próximo do Escoural, em Fratel, no Complexo do Vale do Tejo, um de nós (M.V.G.) identificou como bucrânios algumas gravuras, duas delas na rocha nº 11. Naquela superfície encontram-se gravuras de dois períodos da Arte do Tejo importando-nos reter, neste momento, as pertencentes ao *período meridional* que mostram, além dos dois bucrânios, um antropomorfo esquemático e uma figura zoomórfica do tipo «pectiforme». Sobrepondo-se e associando-se àquela última figura, no lugar da cabeça, encontra-se um bucrânio, gravado também por picotagem, embora de técnica mais fina e menos profunda. O outro bucrânio desta rocha apresenta idêntica técnica de gravação e encontra-se próximo ao antropomorfo esquemático. Apesar de estarmos seguros das figuras referidas pertencerem a dois momentos diferentes de execução ambos fazem parte do mesmo período, daquele ciclo artístico, cuja datação é por nós atribuída ao Neolítico final - Calcolítico inicial.

5.2. Na Península Ibérica, nas pinturas esquemáticas dos abrigos do SE, encontrámos ainda outros paralelos para os bucrânios; motivos que até este momento não têm sido devidamente valorizados, sendo erradamente tomados como esquemas humanos.

No abrigo Chinchilla I, em Jimena de la Frontera (Andaluzia), dois bucrânios, pintados de cor amarela, encontram-se associados a pontos ver-

melhos e foram interpretados por Breuil e Burkitt (1929, 8 e 77, XXII) como símbolos femininos de braços erguidos. Também no abrigo principal do Cerro Estanislado (Cabeza de Buey) um conjunto de bucrânios de dimensões minúsculas, pintados de cor laranja, são referidos por Breuil como crescentes, mostrando dois deles, no entanto, a cabeça marcada por um pequeno traço na continuação do corpo. Estão associados a muitas outras figuras pintadas de cor vermelha pálida, sobretudo linhas simples, antropomórfos esquemáticos e a dois outros conjuntos de bucrânios. Um bucrânio de maiores dimensões, com armação rectilínea e um ponto de cada lado do corpo, parece assente num suporte de perfil triangular, semelhante aliás a uma figura de Peñalsordo que no local dos olhos mostra uma série de traços paralelos e que, possivelmente, será uma variante do mesmo tema. No chamado Peñon Amarillo do Cerro Estanislado encontra-se também um outro grupo de bucrânios pintados de cor laranja e um bucrânio solitário, com a marcação da cabeça, pintado de cor castanha (Breuil, 1933, 76-79, figs. 24 e 25, XV, XXII e XXIII).

Num dos abrigos de San Servan está representado um bucrânio de armação rectilínea, também com um ponto de cada lado do corpo, pintado de cor vermelha, muito semelhante aos do Cerro Estanislado e de Peñalsordo já por nós referidos. Esta figura foi interpretada por Breuil como sendo uma figura humana em Y, com os braços curvados em lira, de que os pontos simétricos seriam os olhos ou os seios (Breuil, 1933, 152, XXXVII). Parece poderem-se também identificar outros bucrânios nas pinturas da Cueva de La Nogaleda, no Barranco del Duratón (Segovia) (Lucas, 1980, 519-520).

É, ainda, nas pinturas dos abrigos de Los Buitres de Peñalsordo (Badajoz), na Serra de Moraleja, que encontramos os únicos paralelos peninsulares conhecidos para a possível representação de carro do Escoural (Breuil, 1917, 1933, 63-65, fig. 20, XVI, XVIII, XIX). Tratam-se sobretudo de viaturas de duas rodas, pois apenas uma mostra quatro rodas, com caixa rectangular, estruturadas por várias travessas paralelas, algumas com o timão disposto centralmente. As rodas apresentam na maioria dos casos quatro raios dispostos perpendicularmente entre si. Em algumas destas construções não se encontram representadas as rodas pelo que têm sido interpretadas como trenós e nenhuma delas foi encontrada atrelada a qualquer animal.

A forma do veículo do Escoural pode ser comparada com os de caixa rectangular de Peñalsordo, notando-se como principal diferença as rodas, que no Escoural se encontram representadas por pequenos círculos preenchidos no interior ou até por pequenas covinhas; mostrando talvez peças maciças, indício que nos deve apontar certa anterioridade.

5.3. Além Pirenéus, no Monte Bego, sobretudo em Fontanalba e no Vale Meraviglie existe o maior e mais variado número de representações de bucrânios, gravados sobre brilhantes superfícies de xisto, polidas pela acção glaciária. Encontram-se isolados, associados lado a lado aos pares, alinhados em séries verticais, atrelados a arados ou a trenós,

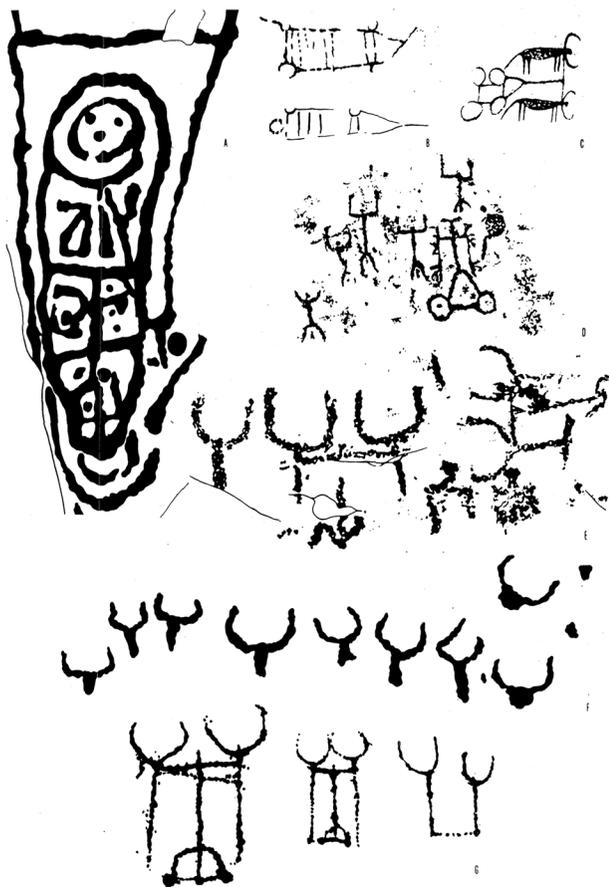


FIG. 7. A) Idolo de Sonico (Valcamonica); B) Carros das estelas 1 e 2 de Caven (Valtellina); C) Carro e bovídeos do Masso di Cemmo 2 (Valcamonica); D) Campanine di Cimbergo (Valcamonica); F) Monte Bego; G) Züschen, Kassel (A e E, seg. Anati, 1979; B e C seg. Van Berg, 1972, figs. 8, 40 e 41; D seg. Anati, 1975, fig. 83; F seg. Conti, 1972, 103)

ora envolvidos por meandros ou por recticulados. Na fase mais antiga deste complexo, datada do Neolítico, em redor ao III milénio A.C., os bucrânios mostram-se isolados ou associados a círculos e a figuras meandriformes (Anati, 1959, 1960; Bernardini, 1971; Bicknell, 1972; Conti, 1972; Lumley, Fonvielle e Abelanet, 1976).

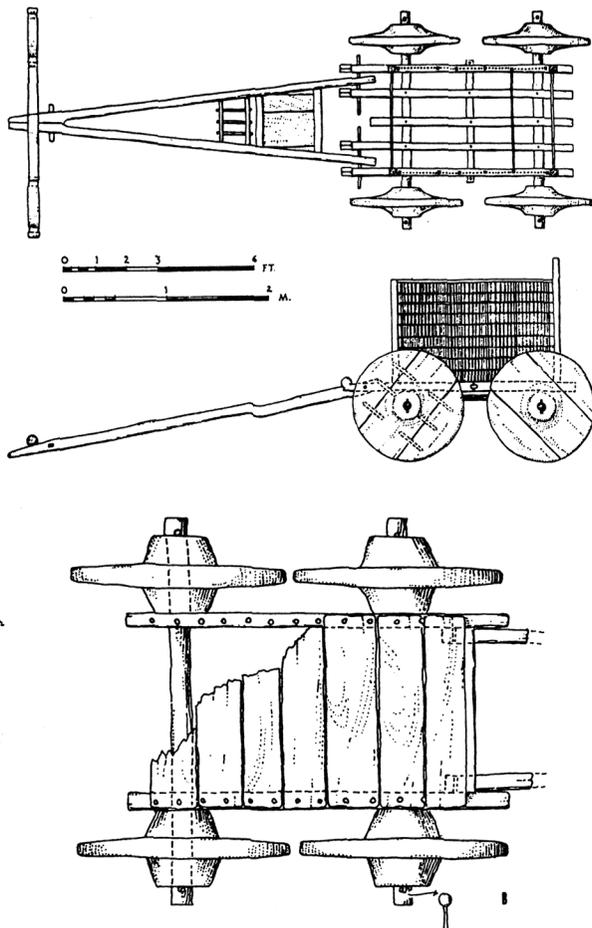


FIG. 8. A) Carro de Lchashen, Lago Sevan (Arménia); B) Carro de Trialeti (Geórgia) (seg. Piggott, 1968, 293-294)

5.4. Este período do Monte Bego apresenta paralelos com a iconografia dos finais do período I e dos inícios do período II do Valcamónica, onde também encontramos bucrânios isolados, associados à figura humana, sobretudo aos orantes, e atrelados a arados (Campanine di Cimbergo, período II A-B, Neolítico, Ca 4000-3500 A.C.) (Anati 1979, 92-95;

1976; 63 e 68). O carro com caixa quadrada e quatro rodas do Escoural oferece semelhanças com uma viatura que integra uma das «composições monumentais» do Valcamónica, o Massi di Cemmo 2, e nas representadas nas estelas 1 e 2 de Caven, em Valtellina, monumentos classificados no período III-A (Calcolítico, 3000-2000 A.C.).

A viatura da rocha 2 de Cemmo mostra quatro enormes rodas maciças e está atrelada a dois bóvidos, com grandes armações semicirculares muito abertas, através de um timão central ligado à caixa por peças dispostas em triângulo, tal como encontrámos no veículo do Escoural. Os carros representados nas estelas de Caven, de realização mais fruste, mostram em relação ao de Cemmo, não só as rodas de menores dimensões como caixas rectangulares alongadas, estruturadas por travessas paralelas.

5.5. Estas formas de veículos muito pesados seriam similares aos utilizados nas estepes pelas populações proto-indoeuropeias de Trialeti (Geórgia), do Lago Sévan (Arménia), de outras regiões do Sul da União Soviética (Cultura de Kurgan) e da área cárpato-danubiana, ali documentados a partir dos inícios do III milénio A.C. (Anati, 1976, 88; Piggott, 1968; Van Berg, 1972, 29-33, 76-80, 90-92, 105-107).

Nos finais do IV milénio e no decorrer do III A.C. iremos presenciar, no Leste europeu e posteriormente em toda a Europa Meridional, a um período de grandes transformações, tanto técnicas como ideológico-culturais, na passagem do Neolítico ao Calcolítico.

As principais inovações materiais serão o aparecimento da roda, do carro, a mineração do cobre, o fabrico de armas metálicas e o conseqüente aparecimento de uma nova organização social baseada na diversificação das actividades produtivas. Iremos também assistir à difusão de um excepcional fenómeno ideológico-religioso, evidenciado pela realização de inúmeras figuras idólicas, de estátuas estelas e de estátuas-menires, de aspecto antropomórfico, muitas delas de sexo feminino, às quais se associam por vezes artefactos e representações de carácter simbólico, os atributos da divindade, onde encontramos o bucrânio figurado sobre o peito de pelo menos, três estátuas-estelas femininas do grupo rodeziano do Aveyron (na Dama de Saint-Sernin, na estela 2 de Mas Capelier e na estela 1 de Le Planas, 2600-1850 A.C.) (Arnal, 1976; 1979). Tam-

bém o Idolo de Sonico (Valcamonica) mostra, gravado sobre o peito, um bucrânio ao lado de um machado (Neolítico Final, 3300—3200) (Anati, 1976, 69-75; 1979, 103-111; 1977).

A associação do bucrânio a divindades femininas encontra ainda outros paralelos, sobretudo, em ambientes onde se faz sentir o tema da «deusa-mãe» da fertilidade, da fecundidade, da abundância e da prosperidade; possivelmente originário nas mitologias das sociedades agrárias do Neolítico próximo-oriental. Na cidade neolítica de Çatal Hüyük na Anatólia (VI milénio A.C.) alguns santuários mostram, em relevo, uma deusa de forma antropomórfica, com os braços rectilíneos e erguidos na posição do orante, algumas dando à luz, acompanhadas de cabeças de bóvidos, estes quase sempre figurados nas paredes voltadas para os Montes Taurus (Melaart, 1967). Posteriormente, nos finais do IV milénio A.C., havemos de encontrar nos hipogeus funerários sardos, da cultura de S. Michele (Neol. Final), uma iconografia semelhante onde «orantes» e bucrânios são representados tanto pintados (Tomba Branca, Sassari) como esculpidos em relevo (Tanda, 1977).

Esses efeitos orientalizantes encontram-se associados, e bem representados, num pendente de osso com a forma de cabeça taurina, sobre o qual está gravado um personagem feminino de corpo bitriangular com os braços erguidos na «posição do orante», procedente do nordeste da Ucrânia e pertencente à cultura de Cucuteni, do IV milénio A.C. (Gimbutas, 1974, 188). Nesta peça observa-se uma grande semelhança entre a disposição dos braços do orante e a forma da armação do touro, tal como notámos entre os bucrânios e os «orantes» do Valcamonica. Esta associação temática pode revelar aspectos de maior identidade, e até de simbiose, como nos mostram os denominados «ídolos de cornos» do Calcolítico do SW Peninsular (Vila Nova de S. Pedro, Lexim, Pico Agudo, Possanco, Santa Justa), com a marcação do sexo feminino ou do ónfalo, tal como deparamos nos seus possíveis protótipos do V milénio A.C. de Gumelnita e Vinça, um dos quais mostra mesmo a representação dos seios.

Os orantes dos períodos I e II do Valcamónica, representados com os braços e as pernas em semicírculo ou dobrados em ângulo recto, assemelham-se na sua concepção de síntese formal e possivelmente ideológica às figuras em relevo que decoram exemplares de cerâmica neolítica das culturas de Starcevo-Körös-Cris, Vinça, Cucuteni e



EST. III. Associação da divindade feminina com o bucrânio; A) Bilcze Zlote, Cucuteni Final (Ucrania); B) Medvednjak, Vinça (Belgrado); C) Dama de St. Sernin (Aveyron); D) Le Planas (Aveyron). (A e B seg. Gimbutas, 1974, figs. 52 e 178; C e D seg. Arnal, 1976, figs. 1 e 11)

que encontramos ainda em muitos outros objectos neolíticos da Europa Centro-Oriental (Bagolini e De Marinis, 1973; Gimbutas, 1974, 92-93).

5.6. Também na gruta Magoura, no nordeste da Bulgária sobre o vale do Danúbio, encontramos pintado um tema cosmológico, que se repete com algumas variações, constituído essencialmente por uma figura antropomórfica feminina, de corpo bitriangular com os braços ao alto, a «dama da gruta» como lhe chamou Anati, à qual está geralmente associado um personagem masculino fálico, de aspecto mais esquemático, um ou mais bucrânios (dois atrelados a um carro), idóli-formes, serpentiformes (por vezes associados a bucrânios como encontramos no Escoural), símbolos solares e armas, compondo várias cenas, algumas de carácter monumental do tipo das que referimos em relação ao Valcamónica. A grande maioria das figuras e composições de Magoura datam de um período situado entre os finais do IV milénio e a primeira metade do III milénio A.C., encontrando as suas armas paralelos numa estela decorada da Crimeia, de uma fase da Cultura de Kurgan, nas estátuas-estelas da Natalevka (Dnieper), Hamangia (Romenia), Varna (Bulgária) e nos machados de combate da Cultura de Bodrogkeresztur (Hungria) (Anati, 1971; 1979a).

5.7. Os paralelos para o carro e bucrânios do Escoural, encontrados na arte rupestre europeia, não ficariam completos se não mencionassemos um importante monumento funerário, do tipo galeria coberta, situado em Züschen (Kassel), numa área planáltica da Alemanha Central (Hesse). Decorando a face interior de muitos dos seus esteios encontram-se figurações de bucrânios gravadas por picotagem, alguns atrelados a carros ou a trenós. Graças ao levantamento e estudo completo do monumento (E. Anati, L. Cotinelli e M. V. Gomes, no prelo) foi possível detectar três períodos artísticos bem definidos pela estratigrafia e variação temática das gravuras. O primeiro período, o mais rico e que mais nos interessa como termo de comparação com o Escoural, mostra iconografia constituída sobretudo por bucrânios, isolados ou associados aos pares, atrelados a carros, a arados ou a trenós, aos quais também se juntam algumas figuras antropomórficas do tipo «orante». Este período é atribuído às populações da *Steinkistenkultur*, facies local da cultura de T R B ou *Funnel-Beaker*, caracterizada pela forma cerâmica das «garrafas com colar» (*Kragenflasche*), indicando um horizonte neolítico evoluído do IV milénio A.C.

O segundo período é constituído por algumas figuras idóli-formes, de forma oval ou sub-rectangular, com os olhos marcados por pequenas covinhas, mostrando a chegada ao local de inovações religiosas, que observámos em outras regiões da Europa, atribuídas às primeiras sociedades metalúrgicas. É interessante notarmos que a mesma sucessão cronológica encontrada nos dois primeiros períodos das gravuras de Züschen se identificam com períodos do Valcamónica (II-II Final), apesar das diferenças devidas à dinâmica cultural própria de cada região. Estas figuras idóli-formes parecem representar divindades que se distanciam das figuras anteriores, quer no que respeita à concepção figurativa, quer no que toca ao significado.

Às pequenas figuras antropomórficas esquemáticas, aos orantes e aos bucrânios, opõe-se esta nova iconografia, menos esquemática, mas mais desumanizada, representando em volume entidades solitárias, muitas vezes dominando centralmente as superfícies e que não de individualizar-se posteriormente nas estátuas-estelas onde, como vimos, integram ou retêm a figura do bucrânio como atributo.

O terceiro período temático das gravuras de Züschen é constituído por motivos geométricos, sobretudo ziguezagues, que encontram paralelos na decoração de alguns dos esteios das sepulturas de Dörlauer, Nietleben, Schopkau e Leuna-Göhlitzsch, assim como na decoração em ziguezague da cabeça da grande estela-menir de Ellenberg. Este tipo de gravuras pode ser atribuído às populações da Cultura de Bernburg (T R B Final) cuja cerâmica está bem representada em alguns dos monumentos mencionados. Datações de C14 para Dörlauer de 2430 ± 100 e 2390 ± 100 A.C. (não calibradas) permitem-nos atribuir aos carros e aos bucrânios de Züschen uma cronologia mais recuada, dos finais do IV milénio, inícios do III A.C. (Uenze, 1956; 1958; Powell, 1960; Behrens, 1973). Na Alemanha Central, na Hungria e na Polónia têm vindo a ser identificados, na denominada Cultura de Baden (III milénio A.C.), enterramentos com pares de bovídeos, pressupondo a sua utilização atrelados a arados, a trenós ou a carros (Piggott, 1968, 307).

6. CRONOLOGIA E INTERPRETAÇÃO

6.1. Neste momento a evidência dos dados arqueológicos apresenta os carros de Züschen como os

mais antigos da Europa, talvez com a mesma origem quer de alguns veículos de rodas representados nas gravuras rupestres da Escandinávia, quer nos de Valcamónica ou daqueles que se encontravam em pleno uso nos Países Baixos por volta do III milénio A.C. Das estepes do Sul da União Soviética, do Cáucaso (Cultura de Kura-Araxes) e da área cárpato-danubiana, os veículos com rodas ter-se-ão dispersado pela Europa, seguindo rotas naturais como o curso dos grandes rios ou atravessando as suas extensas planícies, coincidindo a sua progressão com a dos primeiros prospectores de cobre.

Estas viaturas pesadas, com rodas maciças ou tripartidas, não podem ser dissociadas dos poderosos animais que as rebocavam e que com elas aparecem geralmente representados, os grandes bovídeos cuja domesticação é atestada no Centro e no Leste da Europa em contextos neolíticos a partir do V milénio A.C.

Referimos, anteriormente, a existência no Valcamónica de alguns bovídeos atrelados a arados e portanto, domesticados em pleno IV milénio A.C.; cronologia também atribuída à maior parte das figurações de Magoura e do primeiro período de Züschen. Estas datações impõem uma revisão das clássicas teorias que atribuem o aparecimento de veículos com rodas na Europa Central e Ocidental às influências da civilização micénica (Déchelette, 1928; 289; Pigott, 1968; Van Berg, 1972, 17). Paralelamente na Península Ibérica onde os carros claramente datáveis eram os representados nas estelas decoradas, dos finais da Idade do Bronze do SW, a descoberta da representação de um carro no Escoural, de cronologia bem mais recuada, é um novo e importante contributo, tanto para a caracterização da economia e da sociedade como para o conhecimento dos meios tecnológicos de que dispunha o Homem pré-histórico, nesta zona da Europa, e de que aquele artefacto é reflexo (Almagro, 1966; 1971; Gomes e Monteiro, 1976-77; 1977).

6.2. A atribuição cronológica do santuário exterior do Escoural está substancialmente resolvida, pois, conforme temos vindo a referir, algumas das rochas decoradas (8 e 9) encontravam-se cobertas com estruturas e derrubes, por vezes com uma potência superior a 1,5 m., datáveis não só pela tipologia arquitectónica mas pelos materiais que entregaram. Esses materiais são constituídos por inúmeros fragmentos de vasos de bordo espessado ou «al-

mendrado», de crescentes de cerâmica, de taças com decoração simbólica (pontilhada e oculada), fragmentos de cadinhos de fundição, pontas de seta de base recta, etc., apontando um horizonte do Calcolítico médio do Sul de Portugal (Ca. 2500-2000 A.C.). Tivemos ocasião de referir que algumas das rochas decoradas, sobretudo as situadas no cimo do outeiro, apresentavam vestígios de cortes, suspeitando-se de que o santuário tenha perdido o seu significado ou, bem pelo contrário, tenha sido propositadamente destruído por essas populações que utilizaram as rochas decoradas como material de construção e aí se instalaram, fortificando-se sobre elas, durante o Calcolítico médio.

6.3. Por outro lado o reportório iconográfico das gravuras do santuário exterior do Escoural, sobretudo as que representam bucrânios, parece reflectir não só a principal actividade económica das populações que o frequentavam como aspectos da sua estrutura sócio-religiosa. Assim, julgamos estar perante uma população anterior ao Calcolítico médio, com base económica agro-pastoril, possivelmente seminómada ou praticando um nomadismo sazonal, que utilizaria este santuário em determinadas épocas do ano ou que tumularia os seus mortos no interior da gruta; problema que só o estudo da extensa nacrópole, já em parte esvavada, poderá vir a solucionar.

O carro pode representar a viagem de retorno ao santuário e, associado aos bucrânios, as cerimónias fúnebres de um dos membros do grupo; explicação que se adapta ao monumento de Züschen e com o que pensamos ter sido a estrutura das comunidades humanas do Neolítico final-Calcolítico inicial que frequentavam aquela zona do Alentejo.

Repare-se que apenas um bucrânio está associado ao carro embora se encontra representado num sentido diferente daquele, não se mostrando claramente atrelado, apesar de executado com a mesma técnica de gravação. Estas duas figuras especialmente conectadas revelam dimensões proporcionais, isto é, caso o bovídeo representado pelo bucrânio medisse 3 m. de comprimento, o carro com a atrelagem mediria cerca de 4,5 m de comprimento por cerca de 2 m. de largo, dimensões muito semelhantes às de um veículo, também de quatro rodas, proveniente de um enterramento do Neolítico final - Calcolítico inicial do Lago Sevan (Arménia) (Pigott, 1968, 294). Lembremos que os carros representados em Los Buitres de Peñalsordo não se

encontram associados a qualquer animal e que as associações de dois bucrânios encontrados no Escoural, ligados pelas extremidades dos corpos, deverão representar pares de bóvidos, utilizados como animais de tiro.

No Escoural aquela composição mais parece a associação de dois signos, esquecido o sentido realista das formas para se reduzirem à representação sintética, mas precisa, de um conceito, tal como é característico da iconografia da chamada «arte esquemática».

Outras duas associações encontradas, serpentiforme-bucrânio, enquadram-se dentro deste espírito de síntese formal e de carácter repetitivo, representando um outro conceito: ligando o bucrânio, princípio masculino da força fecundadora e da virilidade à serpente, a representação da água, das forças ctonianas, o símbolo feminino; ideograma que também encontrámos representado em Magoura e que parece reunir aqueles dois elementos primordiais.

Outra hipótese interpretativa é a dos zigzagues e ondulados representarem raios, sobretudo em zonas propícias a trovoadas violentas, como nas áreas sacralizadas do Escoural ou do Monte Bego, *por ali existirem minas de ferro*. Aqueles corresponderiam às atribuições míticas do touro da montanha que por vezes assumia aspectos infernais, cujo mugido era a trovoadas terrificante, mas também presságio de chuva, de fertilidade e de abundância.

Esta constante complementaridade, que associa o bucrânio, ou o touro, a um elemento feminino, está ainda patente em mitologias bem conhecidas: nas tabuinhas de Ugarit, é representado o touro fecundo esposo de Asherah, a mãe dos deuses, e na Grécia Antiga, Zeus, o pai dos deuses, mestre do raio, era transformado em touro branco para seduzir Europa; mitos de renovação que suportam a continuidade e a existência dos grupos humanos.

A presença no Escoural de inúmeras figuras de bucrânios leva-nos a pensar estarmos não só perante uma sociedade de pastores transumantes mas, tal como acontecia no Monte Bego onde a montanha revestia aspectos sagrados ligados com a exuberância de certos relevos e de alguns ambientes naturais, na presença de pontos de referência de um território organizado, há muito mitificado, um «axis mundi», onde os bucrânios eram utilizados representando conceitos religiosos. Aliás às altas pastagens do

Monte Bego chegaram principalmente rebanhos de cabras, animais capazes de suportar as asperidades do clima e do terreno. Os bóvidos encontram-se ligados à superestrutura religiosa no Calcolítico do SW peninsular como nos patenteiam as representações, já referidas, denominadas «ídolos de cornos», algumas encontradas no nível mais antigo de Vila Nova de S. Pedro. Ali também foram escavados, à entrada do povoado, os enterramentos de dois bóvidos sobre um dos quais assentava uma grande vasilha de cerâmica com restos de alimentos, talvez os últimos vestígios de um possível «ritual de fundação» (Paço, 1971; Savory, 1969, 138-140).

6.4. Mencionámos já a estrutura tripartida do santuário exterior do Escoural, implantado num cerro bem destacado na paisagem envolvente, num local frequentado quase que ininterruptamente pelo Homem deste o Paleolítico e revestindo interesse especial a constatação da passagem da ideia de «sagrado», do interior da gruta, para o espaço exterior que a cobre.

A análise do reportório iconográfico conduziu-nos ao estabelecimento de dois períodos, culturalmente distintos, em que foram executadas as gravuras pré-históricas.

O primeiro, o mais vasto, abrangendo a quase totalidade das representações cuja cronologia, conforme acabamos de expôr, nos aponta um horizonte do Neolítico final-Calcolítico inicial (inícios do III milénio A.C.) pode ser dividido em quatro fases, que assumem sobretudo aspectos de ordem formal, não parecendo haver grandes espaços de separação entre elas. Na primeira encontramos especialmente bucrânios de armação semicircular, não associados entre si, com gravação pouco profunda.

A segunda fase inclui composições em que se associam duas figuras: pares de bucrânios, serpentiforme e bucrânio, ou carro e bucrânio, utilizando uma técnica de gravação mais profunda, ocupando situações centrais nas rochas e mostrando os bucrânios maiores dimensões que os da fase anterior.

Claramente sobrepostos, às figuras das duas fases precedentes, encontrámos os bucrânios com armação rectilínea, gravados com negativos longos e profundos, bem marcados, alguns representados no sentido inverso dos anteriores. Posteriormente, centenas de covinhas organizam-se em linhas, em séries, marcam figuras já existentes ou espalham-se sobrepondo-se às figuras anteriores, parecendo terem si-

do executadas no decorrer de cerimónias ou de «visitas» ao santuário e em que se fazia o «reconhecimento» ou a «leitura» das gravações já existentes. Não se deve pôr de parte a hipótese de alguns grupos de covinhas estruturadas terem sido utilizadas na realização de jogos, possivelmente associados a cerimónias de ordem religiosa ou comemorativa.

O significado «iniciático» das rochas com covinhas, encontradas à entrada de grutas ou envolvendo santuários pré-históricos ao ar livre, nos Balcãs, na área alpina (Monte Bego, Valcamónica, Valtelina, Totes Gebirge) e no Noroeste Peninsular (Anati, 1968b), «indicando o sentido que conduz a um determinado sítio muito específico e que constitui um sinal, até para o arqueólogo», foi já notado por Anati (1979, 54, 55). Esta interpretação adapta-se ao caso do Escoural onde as rochas decoradas apenas com covinhas envolvem a base de todo o santuário e associam-se às restantes rochas gravadas, com iconografia mais complexa na passagem ou no acesso à zona próxima do topo do cerro.

Também em outras estações com arte rupestre, com no caso do Vale do Tejo e nas rochas decoradas da Alagoa (Tondela), pudemos verificar idêntica disposição. No rio Pracana, já próximo da confluência com o Ocreza, um grande penedo elevado, destacado da margem, encontra-se decorado com centenas de covinhas, como que anunciando a entrada na zona em que surgirão rochas profusamente decoradas em tudo idênticas às das margens do Tejo. Note-se que, no Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo, a covinha é uma das figuras menos frequentes do seu repertório figurativo (Monteiro e Gomes, 1974/77; Gomes, 1980).

Observação semelhante pode ser feita na Alagoa onde as covinhas, pouco comuns, se apresentam sobretudo em rochas limítrofes; as menos decoradas da estação (Gomes e Monteiro, 1974/77).

6.5. O problema da atribuição cronológico-cultural e funcional do santuário exterior do Escoural pode ser precisado com dados da análise externa.

Parece-nos claro que, na Península Ibérica, o conjunto de representações comumente classificadas como «arte esquemática», localizadas sobretudo no SW peninsular e onde tipologicamente se integram as do Escoural, têm uma origem exógena, integrando uma complexa variedade de símbolos, alguns também representados sobre cerâmicas ou em

outros artefactos, ligados à actividade religiosa. Essa multitude de formas e de decorações em que se incluem representações solares, faces oculadas, linhas ondulantes, figuras bitriangulares, esquemas humanos e animais, geométricos, etc..., encontra protótipos nas formas artísticas das culturas neolíticas do Mediterrâneo Oriental e do Leste Europeu, chegadas à Península Ibérica bem estruturadas, com as primeiras comunidades de metalúrgicas (Los Millares, Vila Nova de S. Pedro).

Esta iconografia, reflexo de um novo tipo de pensamento mítico-religioso, alcança rapidamente o interior da Península, assim como algumas zonas mais setentrionais, manifestando-se as suas influências nos principais ciclos peninsulares de arte rupestre pós-paleolítica (Levante, Vale do Tejo, Noroeste) onde encontramos evidentes motivos da «arte esquemática» sobrepostos às tradicionais representações naturalistas. Referimos anteriormente o aparecimento de bucrânios, tanto pintados em alguns dos abrigos do SE, como gravados nos rochas do Vale do Tejo, embora esporádicos, mas sempre associados a figuras esquemáticas, incluindo-se naquele último ciclo artístico, no período que denominámos de *meridional* e que abrange, em termos culturais, todo o Calcolítico e possivelmente a I Idade do Bronze.

6.6. Pertence à Idade do Bronze Final a única gravura até este momento encontrada no Escoural e que, por comodidade metodológica, classificámos como pertencente a um II período.

Trata-se, como já referimos, do contorno de um pé humano, motivo encontrado quase em exclusividade nas estações da Alagoa, Carregueira e Picoto, no concelho de Tondela. Outras pégadas deste tipo têm sido identificadas no Noroeste Peninsular e no Vale do Tejo onde integram estratigraficamente os últimos períodos daquele ciclo artístico (Bronze Final-Ferro). Pégadas do mesmo tipo têm sido documentadas nos grandes ciclos de arte rupestre pós-glaciar europeus, no Monte Bego, no Valcamónica e na Escandinávia, onde são geralmente atribuídas a períodos artísticos dos finais da Idade do Bronze e à Idade do Ferro; problemática onde se insere o uso quase universal de uma forma e que deve de ser entendida numa dimensão fenomenológica, informada por estados ideológicos similares. Também lajes com podomorfos, encontradas nas citânias de Santa Tecla e de Briteiros, integram ambientes de povoados fortificados da Idade do Ferro do Noroeste.

te Peninsular. Dados cronológicos mais seguros podem ser determinados em estações como Molelinhos e sobretudo Castillo de Pinofranqueado (Cáceres) onde os podomorfos se associam a armas datáveis e se sobrepõem mesmo, naquela última, a figuras de espadas de lâmina larga e encabamento rebitado do Bronze Final (1200-900 a.C.). Esta atribuição encontra confirmação nas tampas sepulcrais decoradas do «grupo alentejano» do Sudoeste Peninsular, de Gomes Aires e Ervidel I, que mostram pares de pégadas humanas esculpidas em relevo, associando naquele segundo monumento uma espada de lâmina larga e um machado de encabamento vertical, datável dos sécs. X-IX A.C. (Gomes e Monteiro, 1974-77, 160-162; 1976-77; 1977).

O achado avulso, no cimo do outeiro do Escoural, de um fragmento de cerâmica com bordo e decoração excisa, do tipo *boquique*, revela-nos, de certo modo, a presença naquele local de populações da Idade do Bronze Final, talvez as responsáveis pela gravação do podomorfo. Essas populações, de origem continental, trarão novas manifestações simbólicas em que se incluem possíveis representações dos conceitos de *presença*, ou de *passagem*, de de-

terminados personagens, heróis ou divindades, hierofanias integradas no contexto dos *mitos de viagem*, a viagem sagrada ou peregrinação, enfim a repetição de um percurso primordial.

Este tema encontra-se especialmente patente no Escoural onde a pégada ocupa, isolada, uma posição central na rocha mais alta do outeiro e, portanto mais próxima do Céu, ou sugerindo a ligação entre o Céu e a Terra. Por outro lado a orientação da pégada, no sentido nascente-poente, identifica-se com o movimento do Sol, denunciando um comportamento específico e ritualizado que já suspeitávamos em relação às rochas da Alagoa. Esperamos poder obter num futuro próximo novos dados que completem e esclareçam as permissas agora enunciadas.

* * *

Foi possível elaborar este trabalho graças a um subsídio posto à nossa disposição pela Câmara Municipal de Montemor-o-Novo e à colaboração sempre solícita do Grupo dos Amigos daquela Vila, pelo que, reconhecidamente, aqui apresentamos a ambas as instituições os nossos sinceros agradecimentos.

BIBLIOGRAFIA

- ACOSTA, P. (1968): *La pintura rupestre esquemática en España*, Memorias del Seminario de Prehistoria y Arqueología, n.º 1, 250 pp., 61 figs., 22 mapas. Salamanca.
- ALMAGRO, M. (1966): *Las Estelas Decoradas del Suroeste Peninsular*, Biblioteca Prachistorica Hispana, vol. VIII, 215 pp., 81 figs., L ests. Madrid.
- (1971): «Las representaciones de carros en el arte rupestre del Sahara español», *Trabajos de Prehistoria*, vol. 28, pp. 183-210.
- ANATI, E. (1959): «Mission archéologique au Mont Bego au cours de l'été 1957», *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, t. LVI, pp. 315-317.
- (1960): «Quelques réflexions sur l'art rupestre d'Europe», *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, vol. LVII, 692-712.
- (1961): «Bronze Age Chariots from Europe», *Proceedings of the Prehistoric Society*, vol. XXVI, pp. 50-63.
- (1968a): *Arte preistorica in Valtellina*, Archivi di Arte Preistorica, vol. I, Capo di Ponte (Edizioni del Centro), 170 pp., 81 figs.
- ANATI, E. (1968b): *Arte rupestre nelle regioni occidentali della Penisola Iberica*, Archivi di Arte Preistorica, vol. II, Capo di Ponte (Edizioni del Centro), 126 pp., 143 figs.
- (1971): «Magourata Cave, Bulgaria», *Bollettino del Centro Camuno di Studi Preistorici*, vol. VI, pp. 83-107.
- (1972): «La stele di Ossimo», *Bollettino del Centro Camuno di Studi Preistorici*, vol. VIII, pp. 81-119.
- (1976): *Evolution and Style in Camunian Rock Art*, Archivi 6, Edizioni del Centro Camuno di Studi Preistorici, 182 pp., 161 figs. Capo di Ponte.
- (1977): «Origine e significato storico-religioso delle statue-stele», *Bollettino del Centro Camuno di Studi Preistorici*, vol. XVI, pp. 45-56.
- (1979a): «La grotta Magoura, Santuário preistorico in Bulgaria», *L'Umana Avventura*, n.º 7, pp. 54-70.
- (1979b): *I Camuni*, Jaca Book Edizioni, 200 pp. Milão.
- ARNAL, J. (1976): *Les Statues-Menhirs, Hommes et Dieux*, Éditions des Hespérides, 239 pp., 82 ests. Toulouse.

- ARNAL, J. (1979): «Les Statues-menhirs de France», *Bollettino del Centro Camuno di Studi Preistorici*, vol. XVII, pp. 47-76.
- BAGOLINI, B. e DE MARINIS, R. (1973): «Scoperte di arte neolitica al Riparo Gaban (Trento)», *Bollettino del Centro Camuno di Studi Preistorici*, vol. X, pp. 59-78.
- BEHRENS, H. (1973): «Die Jungsteinzeit in Mittelelbe-Saale-Gebiet», *Veröffentlichungen des Landesmuseums für Vorgeschichte in Halle*, 27. Berlin.
- BERNARDINI, E. (1971): *Monte Bego, Storia di una montagna*, Club Alpino Italiano, 223 pp., 109 figs. Pine-rol.
- BICKNELL, C. (1972): *Guida delle incisioni rupestri preistoriche nelle Alpi Marittime Italiane*, Istituto Internazionale di Studi Liguri, 138 pp., XLVI ests. Bordighera.
- BLAIN, A. e PAQUIER, Y. (1976): «Les gravures rupestres de la Vallée des Merveilles», *Bollettino del Centro Camuno di Studi Preistorici*, núms. 13-14, pp. 91-120.
- BREUIL, H. (1917): «Le char et le traîneau dans l'art rupestre d'Estrémadure», *Terra Portuguesa*, vol. 3º, ano 2º, pp. 81-86.
- (1933): *Les Peintures Rupestres Schématiques de la Péninsule Ibérique*, vol. II Bassin du Guadiana, Imprimerie de Lagny, 192 pp., 50 figs., XLII ests. Lagny.
- BREUIL, H. e BOYLE (1959): «Quelques dolmens ornés du Morbihan», *Préhistoire*, t. XIII, 145 pp., 103 figs.
- BREUIL, H. e BURKITT, M. C. (1929): *Rock Paintings of Southern Andalusia*, Clarendon Press, 88 pp., 54 figs., XXXIII ests e 7 mapas. Oxford.
- CONTI, C. (1972): *Corpus delle incisioni rupestri di Monte Bego, I. Zona I*, Istituto Internazionale di Studi Liguri, 121 pp., 34 figs., Bordighera.
- DÉCHELETTE, J. (1928): *Manuel d'Archéologie Préhistorique, Celtique et Gallo-Romaine*, vol. II, Éditions A. Picard, 534 pp., 212 figs., 1 mapa, V ests. Paris.
- GIMBUTAS, M. (1974): *The gods and goddesses of Old Europe, 7000-3500 B.C., Myths, Legends & Cult Images*, Thames & Hudson, 303 pp., 171 figs., 252 ests. e 8 mapas. Londres.
- GOMES, M. V. (1980): «Arte do Tejo», *Enciclopédia Verbo de Cultura*, vol. XX, pp. 1.300-1.303. Lisboa.
- GOMES, M. V. e MONTEIRO, J. P. (1974/77): «As rochas decoradas da Alagoa (Tondela-Viseu)», o *Arqueólogo Português*, Série III, vols. VII-IX, pp. 145-164.
- (1976/77): «As estelas decoradas da Herdade do Pomar (Ervidel-Beja). Estudo Comparado», *Setúbal Arqueológica*, vols. II-III, pp. 281-343.
- (1977): «As estelas decoradas do Pomar (Beja-Portugal). Estudo Comparado», *Trabalhos de Prehistoria*, vol. 34, pp. 165-214.
- GUILAINE, J. (1980): *La France d'avant la France*, Hachette, 295 pp., 37 figs., 28 ests. Poitiers.
- LUCAS, M. R. (1980): «Aproximación al conocimiento de las estaciones rupestres y de la pintura esquemática en el Barranco del Duratón (Segovia)», *Altamira Symposium*, pp. 505-526. Madrid.
- LUMLEY, H., FONVIELLE, M.-E. e ABELANET, J. (1976): «Les gravures rupestres de l'âge du Bronze dans la région du Mont Bégo (Tende, Alpes-Maritimes)», *La Préhistoire Française*, vol. II, Éditions du CNRS, 222-236. Paris.
- MELLAERT, J.: (1967): *Çatal Hüyük. A Neolithic town in Anatolia*, Thames and Hudson, 232 pp., 56 figs., 136 ests. Londres.
- MONTEIRO, J. P. e GOMES, M. V. (1974/77): «Rocha com covinhas na ribeira do Pracana», o *Arqueólogo Português*, Série III, vols. VII-IX, pp. 95-99.
- PAÇO, A. (1971): «Uma vasilha de barro, de grandes dimensões, do 'Castro' de Vila-Nova-de-São-Pedro», *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, vol. II, pp. 131-142, Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa.
- PIGGOT, S. (1968): «The Earliest Wheeled Vehicles and the Caucasian Evidence», *Proceedings of Prehistoric Society*, vol. XXXIV, pp. 266-317.
- POWELL, T. G. E. (1960) «Megalithic and Other Art: Centre and West», *Antiquity*, vol. XXXIV, pp. 180-190.
- SANTOS, M. F. (1964): «Vestígios de pinturas rupestres descobertos na Gruta do Escoural», *O Arqueólogo Português*, Nova Série, vol. V, pp. 5-47 e XIV ests.
- (1979): «Monte Bego», *Enciclopédia Verbo de Cultura*, vol. 19, pp. 460-464. Lisboa.
- (1980): «Arte rupestre em Portugal», *Enciclopédia Verbo de Cultura*, vol. 20, pp. 1.093-1.101. Lisboa.
- SANTOS, M. F. dos e FERREIRA, O. da V. (1969): «O monumento Eneolítico de Santiago do Escoural», *O Arqueólogo Português*, Série III, vol. III, pp. 37-62, XII ests.
- SANTOS, M. F., GOMES, M. V. e MONTEIRO, J. P. (1980): «Descobertas de arte rupestre na gruta do Escoural (Évora, Portugal)», *Altamira Symposium*, pp. 205-242. Madrid.
- SAVORY, H. N. (1969): *Espanha e Portugal*, Editorial Verbo, 329 pp., 91 figs., 66 ests. Lisboa.
- TANDA, G. (1977): *Arte Preistorica in Sardegna, Le figurazioni taurine scolpite dell'algherese nell'quadro delle rappresentazioni figurate degli ipogei sardi a «domus de Janas»*, Ministero per i beni culturali e ambientali, Quaderni 5, 57 pp., 20 figs. Sassari.
- UENZE, O. (1956): *Die ersten Bauern*, Vorgeschichte von Nordhessen Marburg/Lahn.
- (1958): «Neue Zeichensteine aus dem Kammergrab von Züschen», *Neue Ausgrabungen in Deutschland*, pp. 99-106.
- VAN BERG-OSTERRIETH, M. (1972): *Les chars préhistoriques du Valcamonica*, Archivi di Arte Preistorica, vol. III, Capo di Ponte (Edizioni del Centro). 128 pp., 44 figs.